

A SOCIALIZAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Márcia Regina do Nascimento Sambugari¹

Resumo:

Este artigo apresenta uma revisão conceitual do termo socialização, num exercício constante de interlocução e questionamento que contribuiu para o refinamento teórico na realização da pesquisa que investigou a socialização entre professores em exercício e futuros professores em situações de estágio curricular. Ressalta-se que a investigação dos modos de socialização não pode ser analisada apenas como processo de inculcação, de adaptação do sujeito e sua adequação às exigências postas pelo contexto do estágio. Faz-se necessário analisar buscando o máximo possível de configurações nas relações entre professores e futuros professores, não se restringindo, por um lado, apenas na sociedade, ou por outro, apenas no indivíduo. A socialização é um modo de interação entre os membros de um grupo de valores, de crenças que vão sendo alteradas, ou não, a partir de experiências vividas pelos sujeitos. Assim sendo, pode-se afirmar que o professor partilha de manifestações da cultura na escola com a qual interage constantemente em relação à docência e que é constituída de valores, de conflitos e tensões e o momento do estágio curricular pode ser um espaço rico para se perceber como esse processo ocorre. O desvendamento desse espaço de socialização contribuiu para a compreensão do processo formativo de professores por meio da socialização presente nas relações entre professores em exercício e futuros professores.

Palavras-chave: Socialização. Formação de Professores. Professores em Exercício. Futuros Professores.

Introdução

A socialização profissional é uma temática relativamente nova no Brasil e os poucos estudos desenvolvidos focalizam a socialização de professores iniciantes ou experientes por meio da aprendizagem de sua docência (LUDKE, 1996; FREITAS, 2002; NUNES, 2002; GUIMARÃES e SOUSA, 2004). Dessa maneira, ao iniciar um processo para investigar os modos de socialização entre futuros professores e

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação do Campus do Pantanal (CPAN) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, MS

professores em exercício em contextos de estágio foi necessário desenvolver uma revisão teórica que contribuiu para o refinamento teórico-metodológico da pesquisa que buscou investigar a socialização entre professores em exercício da escola básica e futuros professores em situações de estágio curricular do curso de Pedagogia de uma instituição pública de ensino superior do interior do estado de Mato Grosso do Sul.

O termo socialização dentro da sociologia clássica teve significados bem distintos, "originários de diferentes estruturas de referência e associados a diferentes tradições intelectuais (GECAS, 1981, p. 166), influenciando pesquisas e o pensamento sobre as diferentes formas de analisar a educação, a escola e a sociedade. Entretanto, qual enfoque teórico mais apropriado para se investigar processos de socialização entre professores em exercício e futuros professores?

A partir de uma vasta revisão de estudos sobre as tradições intelectuais em pesquisa sobre socialização do professor, Zeichner e Gore (1990) destacam três perspectivas teóricas que influenciaram as pesquisas sobre socialização profissional: "funcionalista, interacionista e crítica".

Segundo Zeichner e Gore (1990), a perspectiva funcionalista concebe o indivíduo como um ser moldado pelas forças socializadoras, assimilando valores e atitudes impostos pela sociedade ou grupos no qual ele está inserido. Ao retomarem alguns estudos com esta perspectiva, os autores identificam algumas limitações tais como a preocupação exagerada com a adaptação do indivíduo às situações, reiterando sua autonomia individual.

A perspectiva interacionista, conforme salientam os autores, procurava descrever o processo de socialização enquanto interação entre os indivíduos e as instituições, pois dentro dessa visão, apesar da imposição das estruturas sociais na formação das identidades, as pessoas interagem, interferem, há uma inter-relação entre o indivíduo e seu grupo de pertença, ocasionando um processo descontínuo, pois é um processo de escolhas e constrangimentos. Apesar da contribuição no

sentido de reconhecer as diferenças individuais, os autores apontam que nenhuma das pesquisas influenciadas por essas duas perspectivas teóricas evidenciaram mudanças no processo.

A outra perspectiva que influenciou algumas pesquisas sobre socialização do professor enfatizava essa transformação. A perspectiva crítica buscou trazer à discussão temas como classe, gênero, raça, justiça e igualdade com o objetivo de transformação social. Eles situam os estudos de Pierre Bourdieu dentro dessa perspectiva. Tal abordagem focalizou a socialização numa perspectiva mais abrangente do ponto de vista do contexto político e social.

Segundo os autores, há "necessidade de uma visão crítica da socialização que descreva o processo de socialização como contraditório e dialético, como coletivo e também individual, situado num contexto mais amplo das instituições" (ZEICHNER; GORE, 1990, p. 343). Os autores reiteram, ainda, que os futuros professores possuem crenças e concepções que os acompanham ao longo de sua formação, influenciando a prática educativa. O processo de socialização é muito importante e não ocorre de forma linear, pois o cotidiano escolar influencia nesse processo.

Nesse artigo, primeiramente é apresentada uma revisão teórica de diferentes perspectivas do termo socialização, focalizando os estudos que influenciaram as pesquisas sobre socialização profissional de professores. Tal revisão consistiu em exercício analítico na construção do conceito de socialização utilizado na pesquisa.

A socialização na perspectiva funcionalista

O conceito de socialização aliado à educação na perspectiva sociológica tem sua origem com Durkheim (1965) cujo foco está na criança. Na sua visão, a educação é um processo de socialização metódica das novas gerações, é a ação que os adultos exercem sobre as crianças ou aqueles que não estão preparados para a vida na sociedade, tendo por objetivo suscitar e desenvolver nessas gerações mais novas

valores, atitudes, normas rígidas pela sociedade política e pelo meio ao qual a criança irá se destinar, pois:

A sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em face de uma *tabula rasa*, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e social, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. Eis aí a obra da educação (DURKHEIM, 1965, p. 42. Grifos do autor).

Dessa maneira, o processo de socialização é concebido como algo externo ao indivíduo que desempenha papéis sociais, pratica deveres que estão definidos fora de si e de seus atos. A socialização é um processo dotado de coerção que pode ser mais ou menos violenta ou indireta, dependendo da situação.

Essa concepção de socialização enquanto inculcação também é percebida em Marion Levy Junior (1980, p. 60) que a define como:

(...) ato de inculcar a estrutura de ação de uma sociedade no indivíduo (ou grupo). A socialização, neste sentido, envolve gradações, pois um indivíduo pode ser mais ou menos socializado. Uma pessoa encontra-se adequadamente socializada se lhe foram inculcados elementos das estruturas de ação da sociedade, de modo a se lhe possibilitar o desempenho eficaz de seus papéis.

Dessa forma, cada indivíduo recebe esses elementos e se identifica com os valores e expectativas presentes na sociedade por meio de interação com os outros membros. Ele adquire conhecimentos e atitudes para desempenhar os diversos papéis sociais que continuamente surgem conforme as necessidades da sociedade. Nessa perspectiva, a socialização é um processo de aprender-ensinar, que envolve elementos de cognição fora e dentro da sociedade à qual pertence.

Esse processo de inculcação não ocorre de forma tranqüila, pois cada sociedade estabelece suas formas de ação. Nessa direção, Willian F. Ogburn e Meyer Mimkoff (1980), ao discutirem os principais problemas sociológicos, apresentam algumas características dos processos básicos da vida em grupo na socialização como "competição, cooperação e conflito"; "acomodação e assimilação".

Abordam as relações existentes entre os processos sociais e os tipos de estrutura social nos quais os primeiros se inserem. Fazem uma reflexão de como podem variar as funções sociais que cada um dos processos preenche quando operam sistemas sociais estruturados de forma diferente. Para esses autores, a cooperação e oposição são "processos naturais", que se desenvolvem por meio da experiência, mas salientam que o indivíduo vive numa cultura que pode modificar profundamente essas "tendências naturais", pois:

A cultura estabelece os objetivos pelos quais lutam os indivíduos. Indica se o esforço orientado para os objetivos deve ser um esforço cooperativo e competitivo. Ela define os indivíduos a serem encarados como cooperadores ou competidores e indica que forma cada processo pode tomar (OGBURN; MIMKOFF, 1980, p. 249).

Os processos sociais se desenvolvem sujeitos a pressões e controles, variando de cultura para cultura. Conforme os autores, é a cultura que determina com quem e como os indivíduos entram em conflito, assim define, como e quando serão ajustados. A vida social tem seus conflitos, mas também seus ajustes denominados de acomodação e, conseqüentemente passa para a assimilação. A assimilação é um processo em que as pessoas e grupos adquirem lembranças, sentimentos e atitudes das outras, partilham as suas experiências, interagem e modificam suas atitudes. É um processo de interação, de trocas.

Parsons (1959) define a socialização como a ação que uma pessoa exerce sobre a outra no processo de seletividade que ocorre em diversas instâncias como a família, escola, vizinhança, nos trajetos. A escola elementar, após a família, é a primeira etapa essencial de socialização, um espaço propício para o desenvolvimento da personalidade da criança e, portanto, uma instituição que representa um modelo reduzido da sociedade adulta. É neste espaço escolar que o jovem aprende os valores que fundamentam o sistema social americano e, aos poucos, recebe os principais fundamentos e princípios para entrar no mundo adulto.

Dessa maneira, a função da socialização é muito importante, pois, a função da escola, nessa perspectiva apresentada pelo autor, é a de interferir nas crianças com relação a papéis a serem desempenhados por elas na sociedade que traz sua hierarquização para o interior da sala de aula na qual o professor representa a superioridade e define quais papéis a serem desempenhados pelos alunos, exercendo um processo de seletividade.

Outro estudo representativo é o de Merton (1966) que concebe a socialização como processos pelos quais os indivíduos adquirem seletivamente valores e atitudes, ou seja, a cultura dominante de seu grupo de pertença, apontando como algumas estruturas sociais dentro da sociedade exercem pressão bem definida em algumas pessoas, levando-as a preferir uma conduta não conformista. Assim, seu foco central de discussão está nas origens culturais e sociais das variações desse comportamento divergente.

O papel da família não consiste apenas na transmissão e difusão de valores culturais para a próxima geração, mas também na transmissão da cultura acessível ao grupo social no qual a família está inserida. Dessa maneira, a socialização não significa apenas disciplinamento, treinamento direto, mas sim, a apreensão e incorporação de comportamentos, ações que, muitas vezes, aparecem implicitamente.

Tais estudos são representativos de uma concepção de socialização do ponto de vista da sociedade ou do grupo no qual os membros estão inseridos, cuja função está na adaptação do indivíduo às expectativas dos outros, às normas e valores da sociedade.

Essa perspectiva teve grande influência nos primeiros estudos sobre socialização profissional de professores nas décadas de 1950 e 1960, em sua maior parte norte-americanos. A socialização profissional era concebida como um "[...] processo pelo qual relevantes valores e competências eram adquiridos e internalizados pelo aprendiz. Tal abordagem tendia a mostrar a relação entre a

socialização profissional e a prática como relativamente contínua" (ATKINSON; DELAMONT, 1985, p. 312). Ou seja, os alunos possuíam perspectivas e valores comuns, evidenciando um processo sempre contínuo e linear.

Tais estudos são representativos de uma concepção de socialização sob o ponto de vista da sociedade ou do grupo no qual os membros estão inseridos, cuja função está na adaptação do indivíduo às expectativas dos outros, às normas e valores da sociedade. Entretanto, será que a socialização entre professores e futuros professores no contexto de estágio curricular pode ser concebida apenas como forma de 'inculcação', de adaptação do indivíduo e sua adequação às exigências postas pelo contexto do estágio?

A socialização na perspectiva interacionista

Em contraponto à concepção funcionalista surgem outros estudos cuja estrutura de referência está no indivíduo e não no grupo, em que a ênfase está mais no desenvolvimento da pessoa do que na transmissão da cultura. A socialização é um processo de mudança que a pessoa atravessa como resultado das influências sociais. Dentro dessa vertente há vários estudos, dentre os quais destaca-se Waller (1961) que analisa as interações sociais e como isso interfere para o controle social. Assim, a escola lida com sujeitos em processo de interação.

A escola é concebida como um organismo social que não possui uma relação de interdependência entre as partes, mas está dentro de um conjunto, é um sistema fechado de interação social, no qual dar e receber é o seu cerne e em torno desse núcleo existem outras atividades. Ao analisar as escolas existentes na realidade norte-americana, o autor aponta algumas características que devem ser levadas em conta: população definida; estrutura política definida; faz parte de uma rede de relações sociais; o sentimento coletivo está presente e têm uma cultura que é própria. Porém, essas características não se manifestam num mesmo grau em todas

as escolas e nem mesmo as escolas públicas são iguais, pois possuem suas peculiaridades.

A escola, na visão do autor, constitui em "ponto de encontro de um grande número de relações sociais entrelaçadas" (WALLER, 1961, p. 15) e para compreender como ocorre esse processo de socialização propõe um esquema que perpassa "as relações entre escola-comunidade; de um aluno para outro (não afetada pela presença dos professores); entre professores e alunos (incluindo relações de alunos afetadas pela presença de professores) e as relações de professor e professor", salientando que todas essas relações são recíprocas (WALLER, 1961, p. 16-17). Apesar de estar ligada a um todo, a escola é singular, tem sua especificidade, ou seja, sua própria cultura que é criada pelas crianças de diferentes idades e, em parte, inventada, pelos professores.

Sob influência dos estudos de Waller, Cândido (1966), no contexto brasileiro, elaborou um esquema analítico sobre a existência de uma estrutura social na escola e que é distinta, alertando para a necessidade do educador ter essa análise, a fim de revisar suas atitudes que são assumidas dentro do ambiente escolar. Entretanto, não basta ter apenas conhecimento dessa estrutura interna da escola.

Segundo o autor, é importante que se estabeleçam relações dessa com a estrutura geral da sociedade, pois apesar da escola ter seus mecanismos internos, não está alheia ao desenvolvimento geral da sociedade. Há necessidade de se compreender a força de sociabilidade interna que se organiza na escola sem perder de vista a estrutura geral da sociedade, a fim de que alcance a harmonia, isto é, o controle social.

Para esse autor, a escola é um grupo social, pois depende das atividades exercidas por seus membros e mantém um certo grau de autonomia, resguardando suas especificidades com relação a outros tipos de grupos. Mas, a escola é também *instituída*, pois possui normas estabelecidas conforme os interesses de outros grupos a fim de conformá-la às suas finalidades próprias. Apesar da influência

desses grupos, a escola possui uma dinâmica interna, com normas e valores específicos e que é peculiar em cada realidade escolar.

Ainda no contexto brasileiro, o estudo de Pereira (1967) foi muito significativo para compreensão do funcionamento interno da escola e suas relações com a sociedade. Seu estudo, pautado nas orientações de Max Weber, procurou, a partir de um estudo de caso, conhecer concretamente a realidade educacional brasileira. Na perspectiva do autor, para entender a escola faz-se necessário compreender a sociedade na qual está inserida.

Essa perspectiva centrada mais na singularidade da escola sem perder de vista a estrutura geral da sociedade, de cunho etnográfico, também influenciou alguns estudos sobre a socialização profissional de professores. Nesse contexto, a socialização profissional era concebida como um "processo descontínuo", conforme salientam Atkinson e Delamont (1985). Tais estudos enfatizavam mais a possibilidade de conflitos de interesse, ou seja, a forma como os alunos conseguiam se sair bem e sobreviver às exigências que lhes eram feitas.

A socialização nessa perspectiva é concebida como forma de mudança que a pessoa atravessa como resultado das influências sociais. Contudo, apesar do avanço dos estudos com o desvendamento interno das instituições a partir dos estudos etnográficos, faz-se necessário pensar a socialização entre futuros professores e professores em exercício como espaço capaz de captar o máximo possível de relações, não se restringindo apenas à sociedade, por um lado, ou apenas ao indivíduo, por outro.

A socialização na perspectiva crítica e a opção teórico-metodológica pautada em Pierre Bourdieu

Elias (1994) traz grandes contribuições para se pensar a socialização como uma forma em que o indivíduo assume uma posição única, singular, dentro de sua rede de relações, que é interdependente. As pessoas nascem num grupo no qual já

existiam pessoas convivendo, com estruturas e regularidades sociais, fazendo parte de redes invisíveis de relações. Cada um assume uma posição única nessa 'teia'. As pessoas estão continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras, resultando o que o autor denominou 'fenômeno reticular', isto é, ações que dependem e resultam da interação dos fios relacionados. Quanto mais complexa for a sociedade, mais o indivíduo se torna complexo, assumindo variados papéis, internalizando o controle social.

Na concepção de Elias (1994), as mudanças ocorrem constantemente por meio das interações de uns com os outros. As ideias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter são produzidos no indivíduo mediante a interação com os outros, ou seja, o seu 'eu' forma-se em um entrelaçamento contínuo de necessidades, numa relação de trocas dentro dessa rede de relações. A sociedade tem um movimento próprio, uma regularidade e um ritmo de mudança que é mais forte do que a vontade ou os planos das pessoas individualmente consideradas. Por isso, o indivíduo não pode ser entendido fora do contexto de relações, de interação com os outros, ou seja, fora de uma sociedade. Dessa maneira, ao investigar a socialização presente nas relações entre professores em exercício e alunos estagiários, há que se buscar o máximo possível dos elementos que compõem essas relações.

No estudo mais recente desenvolvido sobre a socialização e a construção das identidades profissionais de diferentes grupos ocupacionais, para compreender e definir o conceito de socialização profissional Dubar (1997) utilizou-se das contribuições de vários pesquisadores da Antropologia citando Linton, Kardiner, R. Benedict e M. Mead, da Psicologia trazendo Piaget e também, na visão da Sociologia, resgatando desde Durkheim até Bourdieu. Para Dubar, a socialização é um "processo no qual os indivíduos aprendem as regras e as práticas dos grupos sociais nos quais o indivíduo constrói sua identidade profissional" (cf. p. 79). Seu estudo voltou-se mais para a sociologia das profissões.

O contato com esses estudos que abordam as perspectivas teóricas sobre socialização permitiu evidenciar que, ao investigar a socialização entre alunos estagiários e professores em exercício, seria necessária uma sustentação teórica que não restringisse a socialização apenas como adaptação da pessoa e sua adequação às exigências dos cursos, nem tampouco dar atenção apenas à interação, tendo em vista apenas a subjetividade do indivíduo. Seria necessário pensar a socialização como mediação, como interação que se dá mediante ações e práticas que vão se constituindo numa relação de trocas, que são diversas, ainda que mantenham traços comuns. A forma pela qual o agente irá interagir nessas relações vai depender das disposições que foram adquiridas por ele em todo seu percurso de vida.

Dessa maneira, o quadro teórico de Pierre Bourdieu contribuiu para se pensar essas relações, pois para ele “[...] a relação que um indivíduo mantém com sua cultura depende, fundamentalmente, das condições nas quais ele a adquiriu, mormente porque o ato de transmissão cultural é, enquanto tal, a atualização exemplar de um certo tipo de relação com a cultura” (BOURDIEU, 1974, p. 208-209). Entretanto, a socialização não ocorre de forma linear, somente por meio da incorporação dos valores do grupo de pertencimento, nem o agente socializado é objeto passivo das condições socializadoras, pois conforme Bourdieu (2003, p. 57):

(...) os conflitos de geração opõem não a classes de idades separadas por propriedades de natureza, mas *habitus* que são produtos de diferentes modos de engendramento, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível, do provável ou do certo, fazem alguns indivíduos sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas, e inversamente.

Isso quer dizer que os alunos, futuros professores, podem manifestar maneiras diferentes de pensar, bem como diferentes reações durante os momentos de estágio, a partir das condições de existência vivenciadas, isto é, de certas

facetas do *habitus* de cada um, revelando um terreno fértil para se investigar como ocorre esse processo. Nessa direção, a categoria *habitus* segundo Pierre Bourdieu foi tomada como um dos conceitos centrais no presente estudo.

O *habitus*, produto da socialização dos indivíduos, que se dá inicialmente nas relações familiares e nas diferentes agências de socialização, é definido por Bourdieu (2003a) como um sistema de disposições duráveis, isto é, um conjunto de tendências, de comportamentos que vão sendo adquiridos pelo indivíduo por meio das práticas e das condições materiais de existência. O *habitus* é uma matriz de práticas variadas, ou seja, os preceitos, os valores, as preocupações produzidas primeiramente nas relações familiares e, posteriormente, nas demais agências de socialização com as quais ele irá se deparar no decorrer de sua vida, tais como a escola, clubes, igreja, vida profissional. Essas disposições orientam os pensamentos, as percepções, as atitudes, as opções, enfim, as ações do agente, com intenção consciente ou não e que funcionam como estratégias para manter ou melhorar a sua posição no grupo a que se pertence

Na perspectiva de Bourdieu (2003a), essas disposições, resultado de uma longa aprendizagem, se estruturam e reestruturam constantemente, a partir das relações que o agente tem com a sociedade. Isso apontou a necessidade de se trabalhar com uma concepção alargada de formação, segundo a formulação explicitada por Marin (2009), obtendo informações acerca das condições de vida pregressa e atual das professoras e dos alunos estagiários, sujeitos da pesquisa.

Esse conceito contribuiu no refinamento teórico da pesquisa, pois foi possível perceber que quando o aluno de um curso de formação de professores chega ao momento do estágio, já tem disposições instaladas como parte do *habitus* no que tange à função docente a partir do conjunto de informações que foi incorporando até o momento, as quais agrega às práticas na escola. Dessa maneira foi necessário direcionar o foco de análise da pesquisa nas condições sociais, nas instruções e

tarefas que os professores atribuíam aos futuros professores no momento da realização do estágio curricular.

O caminho metodológico percorrido

Considerando a opção de análise pautada em categorias conceituais de Pierre Bourdieu, fez-se necessário a utilização de vários instrumentos de coleta de dados, os quais serviram para fazer um cruzamento e se ter um enriquecimento de informações.

Contou, primeiramente, com questionário respondido por acadêmicos do curso de Pedagogia de uma instituição pública de ensino superior do interior do estado de Mato Grosso do Sul, matriculados na disciplina Estágio Supervisionado Curricular I, no ano de 2008, cuja finalidade consistiu em obter informações sobre suas práticas culturais, a situação econômica e de suas famílias, a fim de selecionar, como sujeitos da pesquisa, quatro acadêmicos com diferentes percursos. Essa seleção foi importante por propiciar uma riqueza de dados e verificar como a diversidade nos percursos dos sujeitos interferiu, ou não, nas reações à regulamentação que as professoras em exercício transmitiram com relação à incorporação e enfrentamento dos alunos estagiários sobre o exercício da função docente. Com esses dados, foi possível tecer um panorama geral da turma e localizar os sujeitos que seriam selecionados para as sessões de observação na escola.

Com o objetivo de coletar informações acerca da vida pessoal e profissional das professoras que receberam os alunos estagiários, sujeitos da pesquisa, elas também responderam a outro questionário.

Os conceitos de Pierre Bourdieu (2002) contribuíram na presente pesquisa, como método a direcionar o foco de análise, sobretudo para a coleta de dados em relação às condições sociais, às instruções, às tarefas que as professoras atribuem aos alunos estagiários, buscando identificar o que já estava aprendido, o que se

manteve e o que se alterou na visão do aluno estagiário acerca da docência, nos momentos de interação com a professora em exercício.

Foi necessária, também, a realização de observação dos quatro acadêmicos em seu momento de estágio curricular. Ciente dos desafios da observação, por ser uma técnica que despende energia e tempo do investigador e por oferecer uma amplitude de dados, conforme aponta Woods (1998), optou-se pela observação não participante. Nessa modalidade, o investigador observa as situações de interação, “[...] no fundo da sala para observar as coisas tal como ocorrem naturalmente, com a menor interferência possível de sua presença” (WOODS, 1998, p. 52).

Considerando as orientações de Collins (1981), segundo quem o comportamento repetitivo constitui as rotinas presentes nas interações, sendo importante compreender as ações significativas que se repetem nos contextos, as observações ocorreram de forma sistemática durante o primeiro semestre de 2008, tendo alguns indicadores iniciais previstos

Outra fonte de dados utilizada na presente pesquisa consistiu no registro do diário de estágio dos acadêmicos que, conforme Pátaro e Araújo (2008) constituem como uma rica fonte de dados. Os futuros professores registram suas reflexões acerca das experiências vivenciadas no estágio, os desafios, as dificuldades e conquistas, refletindo os diferentes percursos de formação.

Os dados das sessões de observação foram registrados por meio de Notas de Campo, contendo a descrição do dia, pondo em destaque os momentos de interação entre o aluno estagiário e a professora, como também os fragmentos de registro do diário de estágio dos acadêmicos.

O registro das notas de campo foi organizado sob a forma de episódios dos contextos de interação entre professora em exercício e aluno estagiário, buscando detectar, nos momentos de socialização, a manifestação do exercício da função docente com as regularidades e singularidades, tomando como parâmetro a perspectiva relacional de Pierre Bourdieu e Wacquant (2008) quanto à necessidade

de “[...] captar a particularidade dentro da generalidade, bem como o que é geral dentro das particularidades” (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 109). Após identificar o que era uno e o que era invariante, buscou-se detectar nessas interações algumas ‘marcas’ sobre o exercício docente que cada sujeito já tinha presente ao chegar ao curso de Pedagogia, as que sofreram alterações e as que foram agregadas.

Devido à abertura e permissão da coordenação do curso de Pedagogia e dos sujeitos da pesquisa, as reuniões de orientação do estágio na Universidade foram gravadas, para perceber a riqueza de trocas entre os estagiários que se reuniam e traziam à professora orientadora do estágio as impressões e inquietações vivenciadas na escola. Assim, o presente estudo contou com a gravação dessas reuniões, que foram transcritas e organizadas dentro do eixo de análise descrito anteriormente.

Além disso, foi necessário realizar entrevista com os alunos estagiários, sujeitos da pesquisa, para ampliar as informações, a fim de buscar mais elementos sobre os indícios de disposições que compõem o *habitus* de cada um, detectados no momento das sessões de observação. Dessa maneira, a entrevista contou com um roteiro específico para cada sujeito, focalizando a origem de algumas atitudes recorrentes captadas nas sessões de observação, bem como a busca de mais informações acerca do percurso familiar, escolar e social. O contato constante com os sujeitos durante a realização das sessões de observação contribuiu para a proximidade e a facilidade de acesso na realização da entrevista, a fim de se reduzir a violência simbólica que se pode exercer ao entrevistado, conforme nos alerta Bourdieu (2003b).

Os estagiários, seus percursos e a interação com as professoras da escola

A seleção dos sujeitos deu-se principalmente pela ausência de atuação direta na docência, bem como aceitação em participar da pesquisa e estivessem cursando a

disciplina Estágio Supervisionado I do curso de Pedagogia. Dessa maneira, Célia, Willian, Paula e Clara foram selecionados para esse estudo. Eles foram recebidos, respectivamente, pelas professoras Milena, Jaqueline, Adriana e Edna, em suas salas de aula na escola Monte Verde para a realização do estágio. Tanto os estagiários, quanto as professoras e a escola estão identificados por pseudônimos, a fim de manter o anonimato dos sujeitos.

Os dados obtidos por meio de questionário relativos ao percurso de Célia evidenciaram forte influência econômica, social e cultural, possuindo escolarização elevada e grande envolvimento acadêmico na universidade em atividades de pesquisa, ensino e extensão. O percurso de Willian é marcado por forte influência religiosa e cultural desde a sua infância. No percurso de Clara, o que se destaca é a forte influência cultural na família. Paula também teve um percurso familiar com influência cultural, mas em sua escolarização teve muitas dificuldades e desafios diante das situações que vivenciava na escola.

Um aspecto a ser levantado se refere à diversidade de situações que os alunos estagiários encontraram em cada turma com as professoras que os receberam. Em seu primeiro contato com a docência, a estagiária Célia se deparou com uma turma de 3º ano com alunos com bastante dificuldade com relação à leitura e escrita, interagindo com a professora Milena que possuía muito tempo de atuação na docência, pois era aposentada pela rede estadual de ensino e continuava trabalhando na rede municipal, como professora.

O estagiário Willian interagiu com a professora Jaqueline que, embora tivesse dez anos de atuação, era a primeira vez que trabalhava com uma turma de 3º ano. Já a estagiária Paula esteve num contexto de 1º ano com a professora Adriana, também com dez anos de exercício docente, tendo maior experiência na educação infantil. A estagiária Clara também se deparou com uma realidade peculiar numa turma de 2º ano com a professora Edna que estava quase se aposentando. A relação das professoras em cada contexto propiciou aos alunos estagiários

diferentes reações, e, também diferentes graus de intensidade de classificação e de enquadramento.

No decorrer da realização do estágio, nos momentos de interação durante as reuniões de orientação de estágio na Universidade, como também nas reflexões registradas em seus cadernos de diário de estágio, foram identificadas expressões recorrentes que demarcam traços relativos à docência que cada estagiário possui. Algumas são regulares em todos os sujeitos; outras, são singulares e podem ser consideradas como códigos que constituem a matriz de pensamento e de ação sobre o exercício docente que, em conjunto com todo o percurso familiar, escolar e social de cada estagiário, permitiram diferentes formas de reação diante das situações vivenciadas no contato com a escola. Embora sejam expressões recorrentes, regulares ou singulares, a origem dessas percepções apontou diversidade em cada sujeito.

Algumas constatações

Alguns estudos foram destacados neste artigo e deve-se ressaltar que a investigação sobre modos de socialização entre professores e futuros professores não pode ser analisada apenas como processo de inculcação, de adaptação do sujeito e sua adequação às exigências postas pelo contexto do estágio. Faz-se necessário analisar essa socialização de modo a buscar o máximo possível de configurações nas suas relações.

Mediante as manifestações dos acadêmicos foi possível detectar que os percursos dos alunos estagiários exercem força significativa nas ações e reações na situação de estágio, compreendidas com o uso do conceito de *habitus* proposto por Bourdieu (2003a). Os estagiários manifestaram a existência de matriz geradora de condutas, percepções e pensamentos, que permitiram alterar certos padrões das professoras, ou submeter-se a eles, sem questionar.

Foi possível identificar, no conjunto, a extrema complexidade da vida desses estudantes e de cada um, em particular pelo entrelaçamento de pessoas, situações, experiências nas famílias, nos diversos grupos que frequentaram e frequentam, nas diversas escolas e cursos em que estudaram e circunstâncias que têm vivido mais recentemente na Universidade.

Identificaram-se, ainda, as condições em que os estagiários adquiriram as suas disposições, compondo seu *habitus*: o pai que viajava e mandava informações para Clara e depois a mãe, que dispunha de materiais para leitura, sedimentando a disposição para o conhecimento e a troca de informações; por um lado, a disposição para o teatro e a apresentação para públicos, interagindo com grupos diversificados, distinguindo William no grupo, também por ser homem; a dificuldade de Paula, por outro lado, de falar em público, marcada por circunstâncias escolares pregressas; a possibilidade de a Célia se relacionar com a cidade, por ser nora de um médico, usufruindo capital social e, ainda, com disposições para interagir com pessoas. Esses exemplos permitem verificar a maior facilidade ou dificuldade dos estagiários em agirem e reagirem nos contextos de socialização nas situações de estágio.

No conjunto dos dados, foi possível detectar algumas regularidades, que vão contribuindo gradativamente para compor os contornos da função e da profissão docente. A primeira regularidade diz respeito à opção pelo curso de Pedagogia ou de formação de professores. No percurso dos sujeitos, verificou-se a reiteração de dados anteriores com relação à opção pela docência, pois tanto os estagiários quanto as professoras gostariam de ter feito outros cursos. Porém, a falta de condições financeiras para fazer cursos que não oferecidos nas cidades fez com que eles 'optassem' pela docência.

O envolvimento dos quatro sujeitos, como bolsistas em diversos programas da Universidade, faz com que esse grupo seja distinto dos demais colegas de sua turma do curso de Pedagogia. Embora eles não trabalhem, as bolsas asseguram a

possibilidade de permanecer um tempo maior na Universidade, bem como realizar outras atividades, além do ensino. Com o auxílio financeiro e o tipo de atividade realizada, eles têm acesso aos diferentes espaços da Universidade, favorecendo, assim, o estabelecimento e a ampliação de relações e referências. Essa regularidade dá-lhes certa unidade de características e condições. Antes de ingressarem na formação inicial, Clara, Célia, William e Paula já haviam construído noções distintas de como um professor devia atuar. Ou seja, ao chegarem ao curso de Pedagogia, trouxeram instaladas algumas percepções de docência, as quais, articuladas ao capital cultural e ao percurso familiar com forte presença da arte e artesanato e de escolarização de cada um, constituíram modos de pensar e de agir diante das situações vivenciadas em seu momento de realização de estágio.

As ideias, conhecimentos, atitudes e pensamentos acerca do que compõe o trabalho do professor, trazidos pelos alunos estagiários ao chegarem ao curso de Pedagogia foram obtidos a partir de vivências internalizadas na socialização familiar, em momentos de brincadeiras de infância, na própria escolarização, na relação matrimonial e até mesmo em outras instâncias, como a igreja. Dessa forma, pode-se afirmar que o aluno, ao realizar seu estágio curricular, já possui disposições instaladas como parte do *habitus* no que tange à função docente, a partir do conjunto de informações que foi incorporando até o momento, agregando as práticas vividas na escola.

Outra regularidade refere-se ao conjunto dos aprendizados obtidos e que passaram a compor novas disposições, reforçar as anteriores ou alterá-las parcialmente, provocando ajustes na formação. Ainda que sejam diversas tais contribuições, todos tiveram acréscimos: a necessidade de trabalhar coletivamente; o papel do professor na situação de ensino; o preparo que esse profissional precisa ter em diversos aspectos; que o tempo de magistério não é suficiente para enfrentar novas situações que são desafiadoras; a necessidade de conhecimento

sobre os alunos e as condições institucionais reais propiciadas pelo estágio, em contraponto a muito do que aprendem na Universidade, entre outros aspectos.

Foi um período em que todos manifestaram inquietações diante das situações de interação ou ausência delas, em face das disposições de que dispunham e dos modos pelos quais as professoras organizavam o trabalho nas salas e os apresentavam por meio do discurso pedagógico. Nesse particular, as singularidades emergiram com força, pois o percurso vivido fazia com que cada um reagisse de modo diferente, também diante da diversidade de conduta das professoras.

Há que se considerar que o universo do curso de formação, sobretudo no momento do estágio, constitui, de fato, um local complexo. A análise teórica da empiria levou a detectar inúmeros aspectos da cultura na escola - a existência de valores, crenças, formas de pensar - e aspectos da cultura da escola, tais como os modos pelos quais se organizam, distribuem o tempo do ensino e da merenda, as atitudes de controle dos alunos (sejam as crianças, sejam os estagiários), as características das interações que, às vezes, são dialéticas, às vezes não, diante dos desafios e da colaboração possível, a presença das emoções e dos rituais. Tudo isso vai compondo a realidade do ser professor e de exercer a docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, Paul; DELAMONT, Sara. Socialization into teaching: the research which lost its way. *British Journal of Sociology Education*. v. 06, n. 03, p 307-322, 1985.

BOURDIEU, Pierre. 1974. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'água, p. 39-72, 2003a.

_____. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003b.

_____. 1990. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____; WACQUANT, L. *Una invitación a la sociologia reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2008.

- CÂNDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. A. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, p. 107-128, 1966.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto editora, 1997.
- DURKHEIM, E. A educação: sua natureza e função. In: _____. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, p. 33-56, 1965.
- ELIAS, Norbert. Prefácio. A sociedade dos indivíduos. In: _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 07-09; 11-60, 1994.
- FREITAS, Maria Nivalda C. Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 115, p. 155-172, mar. 2002.
- GUIMARÃES, Valter. S.; SOUSA, Luciana Freire. E. C. P. A socialização profissional e o aprendizado da profissão docente. In: **Anais do XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Conhecimento Local e conhecimento universal**. Curitiba, PUC/PR, p. 1743-1753, 2004. CD-ROM.
- LEVY JR, M. J. Socialização. In: CARDOSO, F.H. ; IANNI, O. **Homem e sociedade: leituras básicas**. São Paulo: Ed. Nacional, p. 60-62, 1980.
- LUDKE, M. . Sobre a socialização profissional de professores. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. N. 99, p. 05-15, nov. 1996.
- MARIN, A. J. Proximidades e distanciamentos entre formação do educador, trabalho docente e práticas pedagógicas. In: IV ENCONTRO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO. Araraquara, SP, 2009.
- MERTON, Robert. Estrutura social e socialização. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. A. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, p. 287-320, 1966.
- NUNES, João Batista C. O processo de socialização na profissão docente. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Igualdade e diversidade na Educação**. Goiânia: MULTIPOLO, p. 01-24, 2002. CD-ROM.
- OGBURN, W. F. ; NIMKOFF, M. F. Cooperação, competição e conflito. In: CARDOSO, F.H. ; IANNI, O. **Homem e sociedade: leituras básicas**. São Paulo: Ed. Nacional, p. 60-62, 1980.
- PARSONS, T. A sala de aula como um sistema social. **Harvard Educational Review**, v. 28/29, n. 4, p. 297-316, 1959. (Tradução da versão francesa por Alexandre Guedes Xavier, EHPS, PUCSP, 2002).
- PÁTARO, C. S. O; ARAÚJO, Juliana P. Aprendendo a ser professora: reflexões a partir do diário do estágio. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas*, 14. ENDIPE. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 1-13, 2008. [Cd. rom].

ZEICHNER, Kenneth M.; GORE, Jennifer M. Teacher socialization. In: HOUSTON, W. Robert. (Ed) **Handbook of research on teacher education**. New York: Macmillan, p. 329-348, 1990.

WALLER, Willard. 1961. **The sociology of teaching**. New York Russell & Russell. (Tradução de Alda Junqueira Marin).

WOODS, P. *La escuela por dentro: la etnografía em la investigación educativa*. Barcelona: Paidós, 1998.